



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

FREDERICO TARASUK TREIN

FOTOGRAFIA E LABOR:

O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?

Porto Alegre

2023

FREDERICO TARASUK TREIN

FOTOGRAFIA E LABOR:

O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?

Memorial descritivo apresentado à Faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário Ritter dos Reis, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Emiliano Cunha

Porto Alegre

2023

Agradecimentos

Durante a definição do projeto de pesquisa, preciso ressaltar a importância dos professores Roberto Belmonte, que foi quem me incentivou e primeiramente acreditou no potencial de um trabalho prático, e Cris De Luca pela base teórica, fundamental para a concepção de todo projeto. Também é preciso reconhecer a paciência, empatia e todo o empenho de meu orientador, professor Emiliano Cunha, que entendeu minhas dificuldades e me guiou por todo este percurso.

Agradeço também a todas as pessoas que participaram deste projeto: família, amigos e - principalmente - as personagens fotografadas. Sem elas, essas reflexões sobre nossa sociedade e sobre o labor não seriam possíveis.



SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1	O QUE É FOTOGRAFIA	6
2.2	O QUE É FOTOJORNALISMO	8
2.3	O QUE É TRABALHO	10
2.4	O TRABALHO E AS TRANSFORMAÇÕES DO CAPITALISMO	11
2.4.1	Pensar o trabalho hoje	15
2.4.2	Trabalho nos centros urbanos	17
2.5	FOTOJORNALISMO, FOTOGRAFIA DOCUMENTAL E TRABALHO	18
2.6	FOTOLIVRO	
3	METODOLOGIA	
		21
3.1	EM BUSCA DO TRABALHO NO CENTRO DE PORTO ALEGRE	22
3.2	PÓS-PRODUÇÃO, SELEÇÃO DE FOTOS E CONFECÇÃO DE FOTOLIVRO	
	23	
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil contabilizava 9,4 milhões de pessoas desempregadas no primeiro trimestre de 2023¹. Trabalhadores informais, até 2021, eram 34,7 milhões. Com estes números em mente, este trabalho prático de conclusão de curso pretende explorar o universo do trabalho e do trabalhador pelo prisma da fotografia, inserindo-se assim na área das Ciências Sociais aplicadas, no campo do jornalismo e editoração. Busca-se, assim, criar a base teórica para a produção de livro que irá contextualizar, informar e registrar o labor e o ato de laborar no centro da cidade de Porto Alegre.

A união entre a fotografia e o mundo do trabalho não é uma novidade. Inúmeros são os trabalhos de fotógrafos que registraram cenas de trabalho e de trabalhadores desde a invenção das primeiras câmeras. Como bem afirma Dulcilia Buitoni (2011, p.9), “a fotografia nasceu como registro e logo ampliou sua área de influência, começando a ilustrar cenas e acontecimentos do mundo.” O documento fotográfico proposto neste trabalho buscará manter uma tradição já secular de registrar o mundo dos trabalhadores e do trabalho.

A ideia de fotografar trabalhadores também nasce de um questionamento de tentar entender as relações entre o trabalho e as pessoas - os trabalhadores -, buscando refletir sobre como lidamos com o labor e a sua importância na vida cotidiana. Neste sentido, a fotografia cumpre, também, diversas funções primárias, como afirma Buitoni (2011, p.13), citando o professor da Universidad Autónoma de Barcelona, Josep M. Català, onde a imagem informa, comunica, reflexiona - pois propõe ideias - e cria emoções.

“O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?” é a pergunta central deste projeto. Pretende-se o aprofundamento sobre a discussão deste problema pelos vieses fotojornalísticos e da fotografia documental. O objetivo geral deste projeto é, portanto, desenvolver um registro fotográfico visando refletir acerca do tema trabalho no centro de Porto Alegre.

A fim de ancorarmos nossa produção prática em autores e conceitos caros para o tema do trabalho, temos, como objetivos específicos definir o significado do termo trabalho de acordo com a sociologia; conceituar o que é fotografia e fotojornalismo; discutir sobre as inferências do capitalismo no mundo do trabalho.

¹ <https://ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

O resultado das captações e encontros feitos com os trabalhadores e seu trabalho poderá ser conferido a partir da confecção de um fotolivro, com 28 fotos, retratando o mundo dos trabalhadores e do trabalho no centro da cidade de Porto Alegre. “Fotografia e Labor: O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?” junta cenas de trabalho e retratos para tentar dar cara e voz às pessoas que, de certa forma, fazem a cidade funcionar e seguir sempre pulsante.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Fundados os termos que delimitam este Trabalho Prático de Conclusão de Curso de Jornalismo, o que pretende-se nesta seção é, com bases teóricas, conceituar a fotografia de acordo com os estudos de diversos autores como Dulcilia Buitoni, Susan Sontag e Roland Barthes, assim como o fotojornalismo e a fotografia documental de acordo com o pensamento de Jorge Pedro Sousa, Ana Rita Bastos e seus trabalhos. Também será conceituado o significado do termo trabalho, segundo a sociologia, de acordo com a obra de Suzana Albornoz.

Abordaremos o tema do trabalho e suas transformações em decorrência do capitalismo, baseando-se no pensamento de Jailda Oliveira Santos, Luciane Terra dos Santos Garcia e Harry Braverman, assim como novas formas de se pensar o trabalho atualmente de acordo com o pensamento de Ricardo Antunes, David Silva Franco e Deise Luiza da Silva Ferraz. O tema do trabalho nos centros urbanos também será objeto de reflexão teórica, baseando-se nestes autores.

Ainda será referido acerca dos gêneros fotográficos do fotojornalismo e fotografia documental e suas devidas técnicas. Para isto usaremos os trabalhos de Jorge Pedro Sousa, João Guilherme de Melo Peixoto e Kátia Hallak Lombardi.

2.1 O QUE É FOTOGRAFIA

Criado durante a revolução industrial, no século XIX, o processo fotográfico revolucionou a forma como as imagens eram reproduzidas pela humanidade. Mas engana-se quem pensa que o desejo humano de representação imagética nasce com o advento da fotografia. Desde os tempos em que o ser humano vivia em cavernas, o homem já se representava em pinturas rupestres, recriando interações como a caça e também outras atividades como cerimônias fúnebres. De acordo com Buitoni, o processo que conhecemos hoje como fotografia nasce dos saberes sobre a ótica e sobre a química: “o universo da ótica e da química se uniram para produzir o registro de fenômenos luminosos numa época de efervescência científica e industrial” (BUITONI, 2011, p.8).

Já em uma visão calcada no estruturalismo francês, para Roland Barthes, “aquilo que a Fotografia reproduz até ao infinito só aconteceu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES,

2009, p.12), mostrando também o sentido único que cada fotografia pode propor a quem a confronta. Essa visão também considera que a fotografia sempre retrata o que ela é, jamais outra coisa.

Neste sentido, também é possível afirmar que o ato fotográfico é um acontecimento único e temporal, logo, intimamente ligado à memória. “Antes da invenção da fotografia não existia nada que pudesse fazer o congelamento de um instante, exceto o poder da memória. A fotografia surge então como grande auxiliar da memória” (BUITONI, 2011, p.33). Susan Sontag também apura a relação entre a fotografia, memória e morte:

[...] toda fotografia é um memento mori. Tomar uma fotografia é participar da mortalidade, vulnerabilidade e mutabilidade de uma pessoa (ou objeto). Precisamente por lapidar e cristalizar determinado instante, toda a fotografia testemunha a dissolução inexorável do tempo. (SONTAG, 2004, p.26).

A fotografia também possui uma força em relação ao real, onde os momentos eternizados são vistos como recortes fiéis de uma realidade muito específica. Boris Kossoy, fotógrafo e historiador, considera que as imagens são fontes históricas. A fotografia é, ao mesmo tempo, documento do real e representação a partir do real. Com este pensamento de Kossoy sobre a fotografia e a realidade, Buitoni elabora acerca de conceitos de primeira e segunda realidades buscando explicar as relações da foto com o real. “A primeira realidade é a do assunto em si na dimensão em que estava no passado” (BUITONI, 2011, p.40). Ou seja, é o contexto do que é referenciado no momento do ato em que foi fotografado e é composto pela ação do fotógrafo no mesmo instante.

Além de fatiar a história em fragmentos, o fotografar, para Sontag, é “essencialmente um ato de não intervenção” (SONTAG, 2004, p.22), pois exige do fotógrafo uma ação - a de tirar a fotografia - e que caso intervenha, ele não pode cumprir a sua ação. Logo:

[...] embora a câmera seja um posto de observação, o ato de fotografar é mais do que uma observação passiva. A exemplo do voyeurismo sexual, é um modo de, pelo menos tacitamente, e não raro explicitamente, estimular o que estiver acontecendo a continuar a acontecer. (SONTAG, 2004, p.23).

É interessante ressaltar também a classificação da fotografia proposta por Roland Barthes, na qual o autor elenca a fotografia em dois grandes temas: o

studium e o *punctum*. Dois termos vindos do latim, que podem traduzir-se como estudar - apesar de o autor buscar outra raiz que não a do verbo estudar em si - e ponto, respectivamente. Para ele o *studium* significa uma espécie de sentimento de afeto médio por uma fotografia, um interesse, ou “a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, empolgado” (BARTHES, 2009, p.34). Já o *punctum* surge para ser, justamente, um perturbador do *studium*. Tende a tocar intimamente, provocar inquietação, ferir: “*punctum* é também picada, pequeno orifício, pequena mancha, pequeno corte. O *punctum* de uma fotografia é esse acaso que nela me fere (mas também me mortifica, me apunhala)” (BARTHES, 2009, p.35).

A fotografia, além de um instrumento comunicacional, capaz de informar e comunicar, também pode alcançar a subjetividade e nos tocar de forma estética. Ela pode ter a força de nos afetar emocionalmente e de nos fazer mobilizar para algo ou em torno de uma causa comum. A fotografia é dotada de uma força tão grande, neste sentido, que já se habituou a dizer que uma imagem fala mais do que mil palavras. Mas veremos adiante que nem sempre ela consegue passar a mensagem completa sem o uso de um texto auxiliar, por exemplo.

2.2 O QUE É FOTOJORNALISMO

Encarada como registro visual da verdade é o modo como a fotografia foi adotada pela imprensa. Os primeiros registros fotográficos publicizados possuíam o peso de uma comprovação factual. Isto é, a fotografia como prova forense do real. E este “fardo” de ser uma mídia que transpira verdade acompanha a fotografia até hoje.

Em 1904, o jornal britânico Daily Mirror adotou uma mudança conceitual nas fotografias que publicava - um movimento significativo para a história do fotojornalismo. De acordo com Jorge Pedro Sousa (2002), essa mudança conceitual das fotografias publicadas pelo Daily Mirror ocorre quando as fotos “deixaram de ser secundarizadas como ilustrações do texto para serem definidas como uma categoria de conteúdo tão importante como a componente escrita” (SOUSA, 2002, p.13).

Tais mudanças no uso da fotografia acabaram por promover uma competição na imprensa, forçando o negócio a operar com tiragens e circulação dos impressos em maior volume. Tal competição jornalística também culminou na busca pela

urgência e velocidade da produção da imagem fotográfica jornalística. As coberturas eram baseadas em uma única foto “exclusiva e em primeira mão - a doutrina do scoop” (SOUSA, 2002, p.14). Acrescenta-se também que isto apenas foi possível graças ao avanço tecnológico, onde câmeras e objetivas mais modernas possibilitaram a fotografia com pouca luz e em ambientes que antes não eram possíveis.

Em relação à definição do que é o fotojornalismo, Jorge Pedro Sousa considera que “o fotojornalismo é uma actividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta” (SOUSA, 2002, p.5).

Para Ana Rita Bastos, por objetivo, o fotojornalismo tende a “retratar a sociedade da época e registrar o quotidiano dessa mesma sociedade” (BASTOS, 2014, p.139). Ele exige o estudo das personagens que compõem uma situação, além de tal situação, antes de qualquer movimento para se registrar o acontecimento. Sousa também acentua uma distinção entre o fotojornalismo e o fotodocumentarismo onde “geralmente, um fotojornalista fotografa assuntos de importância momentânea, assuntos da actualidade ‘quente’” (SOUSA, 2002, p.9).

Porém, sozinha a fotografia não pode se considerar fotojornalismo. Há certas informações que não são passíveis de serem transmitidas apenas pela imagem. Para isso se recorrem aos textos, “que orientem a construção de sentido para a mensagem” (SOUSA, 2002, p.9). Ele ainda exemplifica a dificuldade da fotografia expressar conceitos abstratos, como o de inflação. Poderia se fotografar uma série de etiquetas de preços em um mercado, mas de qualquer forma, o conceito de inflação somente seria entendido quando em conjunto com o texto, a legenda.

É importante ressaltar também a visão de apreensão da fotografia jornalística, hoje, na mídia impressa. De acordo com Frederico de Mello Brandão Tavares e Paulo Bernardo Ferreira Vaz (2005), no século XIX o mercado da mídia impressa é vasto e nele destaca-se o mais diverso “rol de revistas e jornais” (TAVARES e VAZ, 2005, p.125). E essas publicações, em seus múltiplos formatos e para vários públicos. Cada uma delas tentando fazer um recorte da realidade à sua maneira de interpretação, mas também de sujeito a interpretação do leitor. Desta forma, se destaca a importância da fotografia no jornalismo. Nas páginas de um jornal, “a fotografia torna-se uma munição para o jornalista, que busca dar sempre veracidade àquilo sobre o que escreve” (TAVARES e VAZ, 2005, p.130).

Ao nos depararmos com tamanha significação para a atividade, é difícil não associar ao pensamento de Sontag sobre a fotografia e o surreal. Sontag acreditava que, por exemplo, a pobreza não era mais ou menos surreal do que a riqueza. Para ela, o surreal é justamente o distanciamento imposto entre essas coisas. E que são unidas pela fotografia, que age como uma ponte entre as distâncias sociais e temporais (SONTAG, 2004). O surreal então pode ser uma foto de um trabalhador que dorme, mas que ao mesmo tempo anuncia seu trabalho em uma placa. Afinal, o que ele faz, enquanto fotografado, é trabalho?

2.3 O QUE É TRABALHO

Esforço humano para transformar a matéria em cultura (ALBORNOSZ, 1994), o trabalho, segundo a autora, tem diversos significados nos mais diferentes idiomas, porém em português:

[...] apesar de haver labor e trabalho, é possível achar na mesma palavra trabalho ambas as significações: a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida; e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável. (ALBORNOSZ, 1994, p.9).

Sua significação nos remete a aplicação de força e faculdades humanas para alcançar um determinado fim. Ainda a atividade física ou intelectual necessária a qualquer tarefa, serviço ou empreendimento. Porém também designa esforço, dificuldade e incômodo. Se formos na origem da palavra trabalho no latim, *tripalium*,

[...] era um instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, no qual os agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho para rasgá-los e esfiapa-los. A maioria dos dicionários, contudo, registra *tripalium* apenas como instrumento de tortura, o que teria sido originalmente ou se tornado depois. A *tripalium* se liga o verbo do latim vulgar *tripaliare*, que significa justamente torturar. (ALBORNOSZ, 1994 p.10).

Também de acordo com Alborno, a noção de trabalho feito pelo homem fica mais nítida quando mais clara for a intenção e direção de seu esforço. Neste sentido, aparecem as diferenças entre o trabalho humano com o de outros animais. Enquanto os animais trabalham por instinto e sem consciência, o trabalho humano sempre possui um caráter de intencionalidade e consciência: “a utilização de

instrumentos e a divisão social do trabalho chegam no homem a graus de complexidade e sofisticação muito superiores aos encontrados entre outros animais” (ALBORNOZ, 1994, p.12).

Trabalho é aquilo que nos move. Um esforço de fazer e significar cultura. Um movimento que impulsiona e possibilita o avanço humano sobre a natureza. Às vezes pode ser penoso, cansativo e - não raras exceções - mal compensado financeiramente no mundo capitalista em que vivemos. Mas é preciso tentar ver o trabalho como uma força positiva. Ao qual moldamos nossas necessidades, habilidades, destrezas e anseios na busca de alcançarmos a satisfação em sermos seres pensantes e agentes de sentido.

2.4 O TRABALHO E AS TRANSFORMAÇÕES DO CAPITALISMO

Para compreender o trabalho e suas transformações em relação e decorrência do Capitalismo, é necessário, primeiramente, entender o conceito de trabalho como uma produção única e exclusiva do ser humano pensante. De acordo com Jailda Santos e Luciane Garcia (2015), o trabalho é essencialmente o que difere o ser humano de outras espécies. Enquanto os animais realizam tarefas em busca da sobrevivência, agenciadas puramente pelo instinto e predisposição genética, o animal homem se distingue por possuir a capacidade de pensamento crítico. Ademais, o ser humano desenvolveu a habilidade e tecnologia necessárias para manipular símbolos e conquistar domínio sobre a comunicação, podendo antever resultados de tarefas que não foram executadas, por meio do pensamento conceptual².

Esta concepção é corroborada por Harry Braverman (1978), que afirma que a ideia de "trabalho que ultrapassa a mera atividade instintiva é, assim, a força que criou a espécie humana e a força pela qual a humanidade criou o mundo como o conhecemos." (BRAVERMAN, 1978, p. 48). Essa capacidade de pensar a realização de tarefas de forma consciente, com a possibilidade de planejar, delegar e executar ações foi o motor de transformação da humanidade e impulsionador da evolução social. Braverman ainda explica que Marx denominava como "força de trabalho" esta capacidade humana de executar trabalho. E que o trabalho humano, realizado

² O pensamento conceptual envolve relacionar conceitos entre si a fim de formar princípios, critérios, argumentos e explicações. (BRAVERMAN, 1978)

diretamente pelo homem, seja através de ferramentas, maquinário ou animais domesticados:

(...) representa o recurso exclusivo da humanidade para enfrentar a natureza. Assim, para os humanos em sociedade, a força de trabalho é uma categoria especial, distinta e não intercambiável com qualquer outra, simplesmente porque é humana. Só quem for o senhor do trabalho de outros confundirá força de trabalho com qualquer outro meio de executar uma tarefa, porque para ele, vapor, cavalo, água ou músculo humano que movem seu moinho são vistos como equivalentes, como 'fatores de produção'. (BRAVERMAN, 1978, p.49).

Não longe deste conceito que coloca o trabalho como algo inerente ao ser humano, o Capitalismo compreende, como fator de produção, a capacidade de cada pessoa de realizar determinadas tarefas como parte de um processo de produção. E que esta força de trabalho pode ser vendida e comprada conforme a demanda de um mercado que está de acordo com os interesses capitalistas.

Esta racionalização capitalista impõe que um sujeito se insira no processo produtivo como mera força de trabalho, despido de desejos próprios, personalidade ou singularidades, uma vez que lhe é demandada a realização de tarefas repetitivas e fragmentadas, que sozinhas não são suficientes para finalizar um produto. Desta forma, assim se igualam as forças de trabalho e fator de produção, despojando as características singulares de cada sujeito. Logicamente, um indivíduo que domine um processo inteiro de produção terá, para o capitalismo, mais valor do que um que entenda apenas parte do mesmo processo. Logo:

[...] é de interesse do capital que o conhecimento e a instrução sejam reservados a poucos, que devem pensar e organizar os processos, distanciando-os das massas que executam as tarefas mais simples. (SANTOS e GARCIA, 2015, p.7).

Esta fragmentação do trabalho, de acordo com Santos e Garcia (2015), tira das mãos do trabalhador o domínio do processo produtivo, conduzindo-o para uma perda da identidade sobre os ofícios e profissões antes relativos a indivíduos, famílias e comunidades inteiras. Isto torna o trabalhador incapaz de dominar completamente um processo de produção e também de se reconhecer no produto de seu trabalho. Isto é, o objeto produzido não só não lhe pertence como também lhe é estranho. Braverman reforça este pensamento ao indicar que:

Enquanto a divisão social do trabalho subdivide a sociedade, a divisão parcelada do trabalho subdivide o homem, e enquanto a subdivisão da sociedade pode fortalecer o indivíduo e a espécie, a subdivisão do indivíduo, quando efetuada com menosprezo das capacidades e necessidades humanas, é um crime contra a pessoa e a humanidade. (BRAVERMAN, 1978, p.68).

Santos e Garcia ainda reforçam que as capacidades de trabalho do homem vão além de suas necessidades de consumo e ainda relacionam que

[...] quanto maior a evolução das técnicas e processos, maior a capacidade de produção de trabalho excedente, para o qual se converte todo esforço de ampliação por parte do capitalista. (SANTOS e GARCIA, 2015, p.4).

Assim, quando compra força de trabalho, o empregador capitalista investe formas de tirar o máximo proveito desta força de trabalho, com intuito de ampliar também a produção de excedente e obter mais lucro, o que segundo as autoras trata-se do conceito marxista de extração de mais-valia, uma das bases de todo sistema capitalista de produção. Neste domínio capitalista sobre o processo produtivo, é importante ressaltar os modelos de sistemas industriais predominantes desde o fim do século XIX e ao longo de todo século XX, como o Taylorismo e o Fordismo, onde as transformações tecnológicas e científicas atingiram o mundo do trabalho:

A principal preocupação de Taylor era retirar dos trabalhadores a proteção que davam aos seus conhecimentos e a seu próprio tempo de trabalho, em um contexto de expansão do emprego de máquinas em substituição à atividade humana no processo de produção. Com isso, adotou como método a divisão de processos em tarefas simplificadas, em que a duração dos movimentos era medida por um cronômetro e a gerência científica estava sempre em busca da “quantidade ideal” de tempo a ser gasto pelo trabalhador para executar suas tarefas diárias. (SANTOS e GARCIA, 2015, p.7).

Santos e Garcia ressaltam que no contexto das relações sociais que são estabelecidas no processo produtivo, onde quem executa o trabalho passa para a condição de explorado, se desenvolvem antagonismos que determinam a função essencial da gerência: a de minar a resistência dos trabalhadores à sua própria condição de explorados, utilizando de métodos eficazes de controle físico e ideológico.

As autoras ainda destacam que os sistemas de produção modernos se esforçam para utilizar mais recursos tecnológicos, menos pessoas e ainda

incentivam o consumo, o que gera populações de desempregados e de subempregados. São trabalhadores privados de vida pessoal, familiar e demais instâncias da vida social, tudo devido às suas condições de trabalho e remuneração. Esta relação entre capital e trabalho é varada de oposições e conflitos que acabam gerando crises e que fazem o capital procurar maneiras de se reestruturar e recuperar seu ciclo produtivo. Para Santos e Garcia as ideias de:

[...] qualidade total, o trabalhador produtivo, a empresa enxuta são conceitos surgidos com a acumulação flexível que perduram até os dias atuais, onde a força de uma empresa é medida pela sua capacidade de elevar a produtividade utilizando menos força de trabalho. A qualidade total, amplamente difundida na atualidade, está atrelada a redução do tempo útil dos produtos, gerando a necessidade de substituição e consequentemente de mais produção, alimentando assim o ciclo do capital. Essa lógica de mercado não considera as graves consequências da degradação do trabalho humano e do meio ambiente, uma vez que seus esforços estão voltados para o crescimento do ciclo produtivo e expansão do capital. (SANTOS e GARCIA, 2015 p.8).

Frente a essas transformações nas relações de trabalho introduzidas pelo modo de produção capitalista, principalmente as introduzidas durante o capitalismo industrial do século XX, pode se concluir que muitas delas se perpetuaram e aprimoraram, permeando as relações que compõem atualmente:

As terceirizações e o subemprego são realidades cada vez mais presentes em nossa sociedade, onde as precárias condições de vida e a falta de qualificação obrigam milhares de trabalhadores a se submeterem a condições degradantes, até desumanas de trabalho, tornando-se facilmente exploráveis pelos interesses capitalistas, que ainda se utiliza do controle sistemático e minucioso da gerência. (SANTOS E GARCIA, 2015, p. 9).

As autoras atentam que as evoluções das legislações trabalhistas e organizações sindicais decorrentes das lutas de classes que despontam neste percurso não dão conta de defenderem o trabalhador de exaustivas jornadas de trabalho, de condições precárias e da fragilização das relações interpessoais estabelecidas no ambiente de trabalho, colocando-o em um processo que o desconsidera enquanto pessoa e passa a vê-lo como recurso. Hoje é fundamental se pensar no trabalho como uma ação que confere sentido à vida humana. E, como é realizada por homens, é preciso considerá-los em sua complexidade e plenitude, como pessoas que possuem inteligência, metas e desejos. Além de gerar a sobrevivência, o trabalho precisa representar aprazimento, dignidade e realização

peçoal. Singularidades que as artimanhas capitalistas têm lhes tirado historicamente.

2.4.1 Pensar o trabalho hoje

O Capitalismo se modificou tanto ao longo dos últimos cem anos que chegou ao ponto de alterar suas estruturas e transformar o mundo do trabalho, antes organizado em um mercado. Quando chegamos ao século XXI, tamanhos foram estes metamorfismos que, segundo Vero da Silva Telles (2006), a dita flexibilização do contrato de trabalho, ou seja, o afrouxamento das relações de trabalho e, por consequência, das relações sociais que o permeiam e nele são arrançadas, não mais estrutura as promessas de progresso social. Para a autora, hoje o Capitalismo apresenta como uma de suas bases:

[...] o salto nas alturas da produtividade do trabalho em época de revolução tecnológica e financeirização da economia, de tal modo que o processo de valorização se descola dos dispositivos do trabalho concreto e termina por implodir as distinções entre tempo do trabalho e tempo do não-trabalho, entre emprego e desemprego. (TELLES, 2006, p.174).

Isso faz com que o trabalhador, agora fragmentado e fragilizado por esta flexibilização do contrato de trabalho, seja impelido a uma constante flutuação dentro do mercado e “em meio aos diversos expedientes de trabalho precário termina por alterar as referências que pautavam e ritmavam a vida social”. (TELLES, 2006, p.175). Seus desejos não mais se baseiam na satisfação pelo trabalho, ou seja, no trabalhar para viver, mas sim no viver para o trabalhar e talvez alcançar seus sonhos. A autora ainda afirma que para entendermos essas mutações do trabalho e seus novos significados, é preciso atentar-nos às novas gerações e ao processo de expansão dos centros urbanos, ponto que exploraremos no capítulo seguinte, mas que se entrelaça com essas transformações do trabalho.

No momento atual, os jovens adentram um mundo do trabalho já revirado e precário, onde o desemprego é apenas uma das coisas com as quais eles têm que lidar. Vivendo uma nova experiência, distante e distinta da geração passada. Esta

nova força de trabalho chega na vida adulta dentro de cidades que eram impensáveis para as gerações passadas:

Ponto e contraponto de uma mesma realidade, os capitais globalizados transbordam as muito ricas e modernas fortalezas globais dos serviços de ponta, e fazem expandir os circuitos do consumo de bens materiais e simbólicos que atingem os mercados populares. São fluxos socioeconômicos poderosos que redesenham os espaços urbanos, redefinem as dinâmicas locais, redistribuem bloqueios e possibilidades, criam novas clivagens e afetam a economia doméstica, provocando mudanças importantes nas dinâmicas familiares, nas formas de sociabilidade e redes sociais, nas práticas urbanas e seus circuitos. É também por lá que se encontram os novos e excludentes empregos, no mais das vezes intermediados por agências de trabalho temporário, que vão mobilizando, entre os circuitos urbanos locais, os operadores de caixas registradoras, balconistas, porteiros, faxineiras, empregados para serviços variados. (TELLES, 2006, pp.176-177).

Telles ainda sugere que se não mais vigoram as regulações conhecidas do emprego e o feixe de seus entremetimentos políticos e institucionais, talvez seja o caso de buscar compreender os “vetores horizontalizados” (TELLES, 2006, p. 192) que sistematizam o trabalho, a cidade e seus espaços.

Conforme Ricardo Antunes (1996), nas últimas décadas “foram tão intensas as modificações [do mundo do trabalho] que se pode mesmo afirmar que a classe-que-vive-do-trabalho presenciou a mais aguda crise” (ANTUNES, 1996, p.282) do último século. Atingindo não apenas a sua realidade, mas também afetando sua subjetividade:

[...] efetivou-se uma significativa subproletarização do trabalho, decorrência das formas diversas de trabalho parcial, precário, terceirizado, subcontratado, vinculado à economia informal, ao setor de serviços, etc. Verificou-se, portanto, uma significativa heterogeneização, complexificação e fragmentação do trabalho. (ANTUNES, 1996, p.281).

Surgem novos processos de trabalho que se adaptam, nos quais o relógio e “a produção em série são substituídos pela flexibilização da produção, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado” (ANTUNES, 1996 p.282).

O trabalhador de hoje, portanto, continua sendo fragmentado em sua essência e explorado, mas de formas mais sutis. Afinal, o Capital sempre encontra uma forma de entremear-se no mundo do social.

2.4.2 Trabalho nos centros urbanos

Para compreendermos ainda esse novo arranjo urbano, Vero da Silva Telles (2006) reforça a necessidade de observar e de desprender-nos do que ela define como “narrativa da exclusão”: uma descrição das cidades globais, que utilizam como única referência apenas os vencedores dos altos circuitos do capital.

É urgente que se atente ao que ela denomina como “personagens urbanos”, pois, em seus contextos de referência, a trajetória dessas pessoas demonstra uma perspectiva pela qual o mundo urbanizado toma forma em suas múltiplas nuances: Um exemplo de personagem que se situa nesta região às margens da globalização das cidades e que, para a autora, compõe “a paisagem urbana e fazem ver os pontos de combustão desse entramado de relações” (TELLES, 2006, p.185), são os motoqueiros, pois conseguem tocar, ao mesmo tempo, esses fluxos de riqueza e pobreza. Em outra reflexão, Antunes (1999), destaca que

[...] o mercado de trabalho se abriu para a força feminina, ele a precarizou ainda mais, quando comparado ao trabalho masculino. Nas áreas dotadas de capital intensivo, com maquinário avançado, os homens predominam. E quem predomina nas áreas de trabalho intensivo, com menos capital intensivo? Claro, na divisão social e sexual do trabalho, o capital reserva este espaço mais precarizado para o trabalho feminino. E quando não são as mulheres, são os imigrantes, são os negros etc, aumentando ainda mais as formas diferenciadas de exploração do trabalho. (ANTUNES, 1999, p.59).

Vale ressaltar que não mais importa se o trabalhador que vende sua força de trabalho destaca-se por um alto capital cultural, formação acadêmica ou coisa que valha. “Ele tem seus direitos do trabalho completamente precarizados e se coloca diuturnamente em disponibilidade para o capital.” (ANTUNES, 1999, p.57)

Outro notável exemplo são os motoristas de Uber, um aplicativo que propõe o encontro entre quem demanda ir do ponto A para o ponto B com quem está disposto a transportar essa pessoa. É bastante comum vermos trabalhadores precarizados como prestadores remunerados deste serviço. Bacharéis em Direito, Administração e Jornalismo são uma amostra. Todas em sua natureza são carreiras muito melhor posicionadas na pirâmide social. E muitos desses trabalhadores vendo - e vendendo - sua força de trabalho qualificada, diminuídas à prestação do serviço de transporte urbano. Tratem-se de melhor interpretar este fenômeno urbano que precariza o

trabalho de forma tão eficaz. David Silva Franco e Deise Luiza da Silva Ferraz (2019) adentram o mundo da Uberização do Trabalho afirmando que

A uberização do trabalho representa um modo particular de acumulação capitalista, ao produzir uma nova forma de mediação da subsunção do trabalhador, o qual assume a responsabilidade pelos principais meios de produção da atividade produtiva. (FRANCO e FERRAZ, 2019, p.845).

Agora o trabalhador que não possui vínculo empregatício regulamentado e profundamente precarizado, trabalha como um profissional autônomo e assume riscos para oferecer o serviço da Uber. Ele detém quase que em sua totalidade os meios de produção fundamentais para a atividade, mas também é por eles integralmente responsabilizado,

[...] sendo, portanto, parte do valor de reprodução da sua força de trabalho. Na compra dessa força de trabalho, a Uber, todavia, não necessariamente paga o valor necessário à reprodução do trabalhador, além de haver remuneração apenas quando há a afetiva prestação do serviço – que, se não ocorrer, não isentará o trabalhador de arcar com os custos de manutenção do veículo, por exemplo. (FRANCO e FERRAZ, 2019, p.851).

É neste cenário complexo e arrasado no qual se dispõem as relações de trabalho, em que Telles (2006) afirma que:

[...] se não mais vigoram as regulações conhecidas do emprego e o feixe de suas mediações políticas e institucionais, então talvez seja o caso de prospectar os vetores horizontalizados que articulam o trabalho, a cidade e seus espaços (TELLES, 2006, p.192).

Neste âmbito, é necessário pensar para além de “personagens urbanos” e começar a pensar também em “paisagens humanas”, uma vez que pessoas e as grandes cidades globais se entrelaçam. É neste intuito que a Fotografia surge nesta reflexão.

2.5 FOTOJORNALISMO, FOTOGRAFIA DOCUMENTAL E TRABALHO

O tema trabalho não é novo para a fotografia, principalmente para o fotojornalismo e a fotografia documental. Desde o advento do processo fotográfico, o trabalho é visto como um tema central nas lentes de diversos fotógrafos ao longo dos anos. Porém, Souza (2002) afirma que não há apenas uma maneira de

classificar os gêneros fotojornalísticos. Já, João Guilherme de Melo Peixoto (2019), parte para uma classificação a partir dos primeiros manuais de instrução acerca do fotojornalismo:

[...] a presença do binômio avanços tecnológicos/avanços culturais possibilitou a entrada cada vez mais evidente da fotografia no discurso midiático moderno. A popularização das técnicas e usos da imagem nas sociedades, atrelado ao desenvolvimento de um nicho de consumo, já estimulado, em parte, pela publicação no século XIX das revistas ilustradas, foram determinantes para o progresso da imprensa no século XX. Pode-se ressaltar, também, o advento da fotografia documental, uma das práticas iconográficas mais entrelaçadas à fotografia de imprensa na contemporaneidade. (PEIXOTO, 2019, p.20).

Peixoto ainda afirma que o processo de evolução nas formas de produção das imagens - como o advento da película fotográfica, a publicação das primeiras fotorreportagens, o crescimento da indústria jornalística e ainda a criação das agências de imagens - são fatores cruciais que contribuíram ao desenvolvimento da fotografia de imprensa no século XX. Os gêneros fotojornalísticos não são impenetráveis e a identificação dos mesmos passa pela por fatores como intenção jornalística e também contexto de alocação da fotografia em uma peça, onde forma e conteúdo textuais são fundamentais para precisar o fotojornalismo como gênero (SOUSA, 2002). O autor ainda explicita que “que, embora haja gêneros fotojornalísticos mais vinculados, como as spot news³, também há fotografias que dificilmente se podem classificar num gênero específico.” (SOUSA, 2002, p.110)

Kátia Hallak Lombardi (2008) reitera que a proposta da fotografia documental é contar uma história por meio de uma sequência de imagens:

(...) com sua especificidade centrada na aliança do registro documental com a estética, ela assume a função de fazer a mediação entre o homem e o seu entorno. É, portanto, problematizadora da realidade social, e ao mesmo tempo, reivindicadora de um modo próprio de expressão. (LOMBARDI, 2008, p.37).

A autora ainda enfatiza acerca da fotografia documental contemporânea, onde a mesma retém algumas características estruturais clássicas do documentarismo e que são intrinsecamente ligadas ao fotojornalismo. Obras de fotógrafos como Walker Evans (1903 - 1975) e Dorothea Lange (1895 - 1965) “procuravam se estabelecer sob o tripé verdade, objetividade e credibilidade,

³As fotografias de spot news são as fotografias de “acontecimentos duros, hard news, frequentemente imprevistos” (SOUSA, 2002, p.110).

embora esteja evidente que tal intenção nunca pôde ser alcançada.” (LOMBARDI, 2008, p.38)

Já Sontag (2004) crê que a fotografia e as imagens contidas nela são

[...] capazes de usurpar a realidade porque, antes de tudo, uma foto não é apenas uma imagem (como a pintura é uma imagem), uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária. (SONTAG, 2004, p. 170).

O que evidencia mais ainda o caráter pessoal de cada fotógrafo, cada um com uma intenção em sua narrativa de fotos.

Ainda conforme Lombardi, o fotógrafo documental desenvolve seu trabalho partindo de um projeto previamente elaborado, com apuração, estudo e conhecimento sobre um determinado tema: “a fotografia documental se refere, portanto, a projetos de longa duração, que não sejam apenas o registro momentâneo e de passagem sobre determinado assunto” (LOMBARDI, 2008, p.43).

É importante também destacar o caráter documental do trabalho de fotógrafos como o norte-americano Lewis Hine (1874-1940), que percorreu boa parte dos Estados Unidos no início do século XX fotografando pessoas e denunciando, por exemplo, os abusos do trabalho infantil no início dos anos 1900. As fotos denunciadoras de Hine contribuíram para que as leis de proteção dos trabalhadores e também de crianças e jovens fossem criadas no país.



Figura 1: Lewis Wickes Hine (U.S.A., 1874–1940), One of the spinners in Whitnel Cotton Mfg. Co. N.C. December 1908, 1908. Gelatin silver print. Princeton University Art Museum. Anonymous gift. Disponível

em:

https://museum.stanford.edu/sites/default/files/styles/width_constrained_md/public/images/2018-04/01555u-hine-girl-copy.jpg?itok=gp-dEgAl

Para conseguirmos documentar e contarmos também a história dos personagens envolvidos houve toda uma preparação previamente registrada ao longo deste trabalho de conclusão de curso. Buscou-se embasar previamente com o estudo de conceitos que vão desde a etimologia da palavra trabalho, até a explicação do sentido de mais-valia. Procurou-se ir além do tripé proposto por Lombardi. Exploramos as capacidades da fotografia documental e do fotojornalismo para nos questionarmos sobre o que queremos com o trabalho. O que de fato buscamos ao trabalhar.

2.6 FOTOLIVRO

A relação entre a fotografia e a mídia livro também é tão antiga quanto a ideia da fotografia como documento histórico e remete aos primeiros anos da técnica fotográfica, no século XIX. De acordo com Bruna Sanjar Mazzilli, essa relação entre fotografia e livro sempre “acompanhou transformações no cenário fotográfico, artístico, cultural, social e mesmo industrial, já que as técnicas gráficas também são

determinantes para a forma como são produzidos os livros e as fotografias”.
(MAZZILLI, 2020, p.68)

É importante ressaltar que a fotografia não se incorporou efetivamente aos impressos até meados da década de 1880, quando a invenção da retícula de meio-tom e outros processos de aperfeiçoamento de impressão deram acesso à reprodução de imagens e texto em conjunto. Essa incorporação naturalizou o processo de disseminação da fotografia não apenas em livros, mas principalmente na imprensa periódica, possibilitando assim o desenvolvimento da fotografia como uma linguagem própria. Destaca-se também que isto não quer dizer que antes da criação da retícula de meio-tom não se fizessem álbuns ou livros de fotografia. Utilizavam-se técnicas mais rudimentares como litografia ou fotogravuras e muitas vezes os originais das fotografias também poderiam ser colados às páginas (MAZZILLI, 2020).

A partir disto, a fotografia amplia seu espaço dentro da mídia livro e se afirma como uma potência semântica:

[...] vários são os fotógrafos e artistas que exploram essa relação, assim como são várias as temáticas e abordagens: arte, política, documentação social, meio-ambiente, cotidiano urbano, vida íntima, memória familiar, arquivo etc (MAZZILLI, 2020, p. 82).

Como concepção, o fotolivro é um um livro de fotografias como totalidade de um mundo conciso,

[...] ‘forma de arte autônoma’-, em que as imagens associadas a um bom design, revelam um trabalho de qualidade, cujo interesse perdura ao longo do tempo. Mais do que pensar na potência individual de cada foto, pensa-se na potência do coletivo (MAZZILLI, 2020, p. 88).

O fotolivro possibilita então a construção de narrativas que perduram no tempo, onde cada foto possui um valor, mas que em conjunto com a impressão, a diagramação, o design e a edição, contam uma história. Essa narrativa é construída a partir da ordenação da sequência de fotos e texto, buscando dar um sentido mais complexo as imagens que talvez sozinhas seriam imprecisas em expressar algo.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho se configura como monográfico de caráter teórico-prático. O objetivo principal é a produção de um fotolivro com o registro de trabalhadores no centro de Porto Alegre. Como objetivos específicos, buscamos definir o significado do termo trabalho de acordo com a sociologia; conceituar o que é fotografia e fotojornalismo e discutir sobre as inferências do capitalismo no mundo do trabalho.

Inicialmente, o projeto de pesquisa iniciou sua investigação a partir de pesquisa bibliográfica, onde foram levantados tópicos de pesquisa para então realizar a coleta de bibliografia correspondente aos temas deste projeto. O método de pesquisa bibliográfica, de acordo com Duarte Barros, é utilizado

[...] como um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário. (BARROS e DUARTE, 2011, p.54).

Em um segundo momento, procuramos fontes bibliográficas que dessem embasamento para o que tínhamos em mente com as fotografias e o fotolivro que está em produção. Encontramos nas pesquisas do português Jorge Pedro Sousa (2002) a base teórica que define, por exemplo, o conceito de fotojornalismo como uma atividade que utiliza da fotografia para observar, informar e realizar análise e opinião sobre a vida humana e suas consequências para o planeta.

Foi também pela pesquisa de Sousa que pudemos definir a escolha das objetivas de 200mm, 50mm e 35mm para captar diferentes cenas, por exemplo, ou a aplicação de certo ISO na tomada das fotografias para compensação de luz no sensor da câmera. Ora, se por acaso quiséssemos fotografar uma cena à distância e conseguir manter certo afastamento - e assim manter a cena “intocada” - do objeto fotografado, convém o uso de uma lente teleobjetiva. Assim como a escolha de um ISO alto, mesmo em uma foto com suficiente luz captada, para a criação de uma imagem com um ruído alto, e também com uma intencionalidade documental no uso deste ruído. Ressaltamos que, dentro da finalidade de nossa busca imagética, o ruído não é interessante, pois a espontaneidade da expressão e a captura do “real despido” guiaram as tomadas das fotografias.

Se para Lombardi (2008) a proposta da fotografia documental é a de contar uma história por meio de uma sequência de imagens fazendo uma união entre o registro documental e a força estética de uma imagem, este registro ganha a função de mediador entre o homem e o que o cerca. Logo esta proposta problematiza a realidade social e também requer um modo próprio de expressão. Surge a necessidade de se registrar o trabalho com um olhar crítico, porém terno, com a importância devida que o fator humano exige.

3.1 EM BUSCA DO TRABALHO NO CENTRO DE PORTO ALEGRE

Para a produção do fotolivro, foram realizadas três saídas a campo: uma ainda em 2022, no dia 26 de agosto, e duas no ano de 2023: nos dias 13 de abril e 19 de maio. Estas de 2023 com uma proposta um pouco diferente da primeira saída. Nesta primeira saída, foram feitas 253 fotos, todas realizadas a uma certa distância dos objetos fotografados. Logo, todas elas foram feitas com uma teleobjetiva que variava de 70mm a 200mm. O ISO variou entre 100 e 800, conforme a necessidade da cena. Nas fotografias feitas dentro do Mercado Público, por exemplo, utilizou-se um ISO mais alto - de 800 -, para compensar a ausência de luz solar natural no ambiente. Neste momento, a intenção era captar os trabalhadores no ato de seu trabalho, seja varrendo uma via, atendendo em uma loja ou apenas segurando uma placa publicitária. Destas 253 fotos, foram selecionadas 19 imagens para passar por um primeiro “filtro”, uma primeira seleção das possíveis fotos que vão integrar o livro.

Vale ressaltar que, nesta saída, não realizamos um contato mais próximo com as fontes fotografadas pois procuramos manter “intocadas” as cenas captadas. É importante ressaltar que esta primeira saída à campo foi feita em 26 de agosto de 2022, uma manhã.

As saídas a campo no ano de 2023 vieram com uma proposta um pouco diferente. Conforme as orientações do processo monográfico avançaram, entendemos que seria importante também incorporar o rosto destas pessoas. Assim, com a identidade revelada de forma mais próxima, com destaque e cuidado individual, buscamos fugir do “rosto estereotipado”. Isto é, cada registro feito conta uma nova e única história, de diferentes sujeitos, com diversos atravessamentos.

Entendemos que, caso optássemos apenas pela distância, aqueles corpos poderiam se fundir em apenas um “o trabalhador no centro de Porto Alegre”. E,

apesar de o registro do labor em um tempo e espaço definidos, queríamos capturar também identidades únicas e, após essa captação feita à uma certa distância, fizemos também retratos em 35mm e 50mm, em plano médio ou primeiro plano, com o intuito de evidenciar o caráter humano do trabalho e de cada trabalhador.

Dividimos cada tomada de foto dos personagens retratados em três momentos: um primeiro momento à distância, buscando retratar a pessoa no ato de laborar de forma natural. Em um segundo momento, nos aproximávamos do sujeito, nos identificamos e explicamos o que estávamos fazendo com as fotografias. Também procuramos fazer uma pequena entrevista - o que ajudou muito na criação das legendas das fotos - com a pessoa retratada para tentar entender o que ela pensava do seu próprio trabalho. Ao fim, indagamos se poderíamos fazer um retrato mais próximo, este posado. Quando autorizado, fazia-se o retrato e trocava contato com as pessoas, para poder mostrar o resultado.

Vale ressaltar que as últimas saídas a campo foram feitas na parte da tarde, durante os meses de abril e maio de 2023. O fato de sair a campo na parte da tarde, foi mais efetivo do que a saída feita pela parte da manhã. As pessoas fotografadas e entrevistadas pareciam muito mais dispostas a participar e entender o projeto na parte da tarde. Ao total, nas duas saídas a campo de 2023, foram feitas 163 fotos, totalizando 416 imagens nas três saídas à campo. Destas, foram selecionadas 70 com um potencial de inclusão no livro.

Em algumas situações, principalmente durante as duas últimas saídas a campo, optamos fazer retratos mais aproximados e humanizados de certas personagens para o fotolivro. Como citado anteriormente, também realizamos pequenas entrevistas com estas personagens. Para estes casos, entregamos termos de autorização de uso de imagem que estarão em seção anexa deste Trabalho de Conclusão de Curso.

As personagens que não estão retratadas desta forma e não foram entrevistadas, não possuem o termo de consentimento de uso de imagem livre esclarecido. Nestes casos, buscamos preservar a integridade da fisionomia das pessoas retratadas, mantendo uma distância maior dos sujeitos fotografados.

3.2 PÓS-PRODUÇÃO, SELEÇÃO DE FOTOS E CONFECÇÃO DE FOTOLIVRO

Iniciamos então o processo de seleção, tratamento e diagramação do fotolivro. Para escolhermos, dentro daquele universo de 70 fotos que foram selecionadas primeiramente, as 28 fotos que irão compor o produto final, foram utilizados alguns critérios específicos como composição, cor e valor-notícia. A escolha por valor-notícia, por exemplo, se definiu em conjunto com o apelo emocional de determinada imagem fotografada com a história contada e registrada de cada personagem entrevistado.

Durante o processo de tratamento das imagens, procuramos deixar as captações sem alterações de cor e buscamos manter, sempre que possível, a proporção de 16 por 9 nas imagens, obtendo uma referência mais cinematográfica e documental.

O produto final, o fotolivro *Fotografia e Labor: o que é o trabalho no centro de Porto Alegre?* contará com 28 fotos e também legendas nos retratos que foram feitos de forma mais aproximada dos sujeitos, contando as histórias mais interessantes por trás dos personagens de algumas das fotos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de elaboração deste trabalho de conclusão de curso tem sido um estímulo extremamente importante para a formação profissional em Jornalismo. Desde a marcha de definição dos objetivos gerais e específicos, no início ainda um pouco soturnos nas ideias deste pesquisador, encontramos as primeiras respostas durante o processo de revisão bibliográfica e nas conversas com os orientadores nas cadeiras de Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I e II. Ao longo das pesquisas realizadas, ficavam mais claros os caminhos para que se chegassem a conceitos muito necessários para a significação final deste projeto.

Um ponto interessante no processo de fotografar e entrevistar as pessoas que fazem parte do projeto, foi a revelação que as fotos fazem da felicidade das pessoas frente às profissões retratadas e que parecem ter um valor menor na pirâmide social. Um exemplo que pode ser citado é o de dona Vera Regina, uma feliz e realizada engraxate na Praça da Alfândega. Não seria possível ter essa conclusão sem as fotos e a entrevista realizadas com Vera. Como bem aponta Sontag, “a visão fotográfica significava uma aptidão para descobrir a beleza naquilo que todos veem mas desdenham como algo demasiado comum” (SONTAG, 2004, p.106). Sem esse registro, acreditamos, dona Vera e seu trabalho passariam despercebidos e desumanizados. Vera seria apenas mais uma trabalhadora do centro. Relacionamos assim o trabalho executado por dona Vera e buscamos dar visibilidade e desvencilhar-nos ao que Telles define como “narrativa da exclusão”.

Outro ponto interessante de mencionar é a conexão entre as imagens feitas de Ananda, uma jovem barista que há pouco conseguiu adentrar o mundo do trabalho, com o exposto por Antunes acerca de um trabalho vinculado ao setor de serviços e precarizado: Ananda faz café, atende ao público e trabalha como caixa. Outra vez temos o capitalismo entremeado e explorando de formas sutis.

Os conceitos de fotojornalismo, fotografia, trabalho, centros urbanos, mais-valia e tantos outros foram estruturados, compreendidos e utilizados nesta lida. Neste sentido, as bibliografias - tanto as pesquisadas por conta própria como as sugeridas por diversos professores - têm imensurável valor. O presente estudo teórico-prático buscou entender e desvelar, através de registros fotográficos, como e por que nós, humanos, nos colocamos em certas

condições de trabalho atualmente, ou ainda como naturalizamos o olhar diante do desumano. Esta é uma inquietação que me instiga a pensar desde muito jovem. E tudo que espero é que ela siga me inquietando.

É necessário destacar que o singelo resultado fotográfico de todo este processo é apenas uma pequena sugestão para a ampla resposta que balizou o presente estudo teórico-prático. Por se tratar de um universo rico, vasto e em constante transformação, podemos propor como empreendimentos futuros que explorem as relações entre fotografia e trabalho, por exemplo, como os corpos, rotinas e espaços de labor e de sobrevivência se modificaram com as novas condições de trabalhos surgidas nas últimas décadas. O recorte do presente estudo procurou dar conta, dentro do período entre 2022 e 2023, de um olhar muito subjetivo - como toda produção fotográfica sempre é - do trabalho no centro de Porto Alegre, capturando como a vida desses sujeitos e seus ofícios acontecem lá. Com o debate teórico e a produção imagética, tentamos dar foco, importância e significado para esse tema tão caro à nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBORNOS, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ANTUNES, Ricardo. **O mundo precarizado do trabalho e seus significados**. São Paulo: Cadernos de Psicologia Social do trabalho. Mesa redonda - Mercado informal, empregabilidade e cooperativismo: as transformações das relações de trabalho no mundo contemporâneo, 1999. pág. 55 - 59. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25822>. Acesso em: 31 mai. 2023.

ANTUNES, R. . **A centralidade do trabalho hoje**. Sociedade e Estado, [S. l.], v. 11, n. 02, p. 281–294, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44124>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Portugal: Edições 70, 2009.

BASTOS, A. R. **A fotografia como retrato da sociedade**. Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [S. l.], v. 28, 2014. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1310>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BRANDÃO TAVARES, F. de M.; VAZ, P. B. F. **Fotografia jornalística e mídia impressa: formas de apreensão**. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 12, n. 27, p. 125–138, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2005.27.3329. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3329>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 1978. *E-book*. Acesso restrito via Minha Biblioteca. Acesso em: 31 mai. 2023.

BITTONI, Dulcília Schroeder. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Editora Saraiva, 2011.

DE MELO PEIXOTO, J. G. **O surgimento do fotojornalismo a partir de um olhar para os primeiros manuais da profissão**. Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, v. 11, n. 2, p. 20-35, 24 fev. 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/10003>. Acesso em: 31 mai. 2023.

DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio. (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

FRANCO, David Silva, FERRAZ, Deise Luiza da Silva. **Uberização do trabalho e acumulação capitalista**. Rio de Janeiro: Cad. EBAPE.BR, v. 17, Edição Especial, Nov. 2019. ISSN 1679-3951 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/9NJd8xMhZD3qJVwqsG4WV3c/?lang=pt>. Acesso em: 31 mai. 2023.

GARCIA, Luciane Terra dos Santos, SANTOS, Jailda Oliveira, **Transformações do trabalho no contexto da produção capitalista do século XX**. São Luís: VII Jornada Internacional Políticas Públicas - UFMA. 2015. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo2/transformacoes-do-trabalho-no-contexto-da-producao-capitalista-do-seculo-xx.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2023.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LOMBARDI, Kátia Hallak. **Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea**. Discursos Fotográficos, Londrina, v.4, n.4, p.35-58, 2008. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1505>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MAZZILLI, Bruna Sanjar. **O fotolivro como espaço de complexidade e potência para a fotografia documental**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-03032021-164516/publico/BrunaSanjarMazzilli.pdf> Acesso em 26 jun. 2023.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto: Bocc, 2002. *E-book*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2023.

TELLES, Vero da Silva. **Mutações do trabalho e experiência urbana**. São Paulo: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1 p.173 - 195. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/SLjr9nhR7JqrSkxj8YJXtZy/>. Acesso em: 31 mai. 2023

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **FOTOGRAFIA E LABOR: O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?**, cujo pesquisador responsável é **EMILIANO FISCHER CUNHA (PESQUISADOR)**, CPF **98997246020**. O objetivo principal do projeto é, através da realização de um fotolivro mostrar, por meio de fotografias, como se configura, atualmente, a diversidade do trabalho no Centro de Porto Alegre. O(A) Sr(a) está sendo convidado porque se enquadra no perfil selecionado para esta pesquisa.

O(A) Sr(a). tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder o uso de sua imagem para uso no fotolivro, requisito obrigatório para a realização do trabalho de conclusão prático em Jornalismo. As imagens possuem finalidade acadêmica e jornalística. Portanto, o uso de sua imagem e voz ficam, através deste instrumento, autorizados para uso irrestrito no FOTOLIVRO, independente de como virá a ser, eventualmente, editada e, posteriormente, veiculada. O PESQUISADOR se responsabiliza a não fazer uso da FOTOLIVRO para fins que estigmatizem os participantes da pesquisa; garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (item 11.2.i, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, incisos V, X e XXVIII).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos estão restritos ao uso de imagem e voz a serem utilizados no FOTOLIVRO. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento e olhar sobre o universo do trabalho no Centro de Porto Alegre e como ele se manifesta, hoje, visualmente em suas particularidades. O trabalho prático possui grande relevância para o campo da Comunicação, trazendo à tona o debate sobre a configuração do labor na sociedade contemporânea.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. Também estão assegurados ao(a) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao(a) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

O(A) Sr(a). pode entrar com contato com o pesquisador responsável **EMILIANO FISCHER CUNHA** a qualquer tempo para informação adicional através do endereço eletrônico **emiliano.cunha@uniritter.edu.br**.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, 30/05/2023



Assinatura do Participante



Assinatura do Pesquisador Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **FOTOGRAFIA E LABOR: O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?**, cujo pesquisador responsável é **EMILIANO FISCHER CUNHA (PESQUISADOR)**, CPF **98997246020**. O objetivo principal do projeto é, através da realização de um fotolivro mostrar, por meio de fotografias, como se configura, atualmente, a diversidade do trabalho no Centro de Porto Alegre. O(A) Sr(a) está sendo convidado porque se enquadra no perfil selecionado para esta pesquisa.

O(A) Sr(a). tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder o uso de sua imagem para uso no fotolivro, requisito obrigatório para a realização do trabalho de conclusão prático em Jornalismo. As imagens possuem finalidade acadêmica e jornalística. Portanto, o uso de sua imagem e voz ficam, através deste instrumento, autorizados para uso irrestrito no FOTOLIVRO, independente de como virá a ser, eventualmente, editada e, posteriormente, veiculada. O PESQUISADOR se responsabiliza a não fazer uso da FOTOLIVRO para fins que estigmatizem os participantes da pesquisa; garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (item II.2.i, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, incisos V, X e XXVIII).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos estão restritos ao uso de imagem e voz a serem utilizados no FOTOLIVRO. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento e olhar sobre o universo do trabalho no Centro de Porto Alegre e como ele se manifesta, hoje, visualmente em suas particularidades. O trabalho prático possui grande relevância para o campo da Comunicação, trazendo à tona o debate sobre a configuração do labor na sociedade contemporânea.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao(à) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

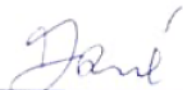
O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável **EMILIANO FISCHER CUNHA** a qualquer tempo para informação adicional através do endereço eletrônico emiliano.cunha@uniritter.edu.br.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, 30/05/2023



Assinatura do Participante



Assinatura do Pesquisador Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **FOTOLIVRO E LABOR: O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?**, cujo pesquisador responsável é **EMILIANO FISCHER CUNHA (PESQUISADOR)**, CPF **98997246020**. O objetivo principal do projeto é, através da realização de um fotolivro mostrar, por meio de fotografias, como se configura, atualmente, a diversidade do trabalho no Centro de Porto Alegre. O(a) Sr(a) está sendo convidado porque se enquadra no perfil selecionado para esta pesquisa.

O(a) Sr(a), tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder o uso de sua imagem para uso no fotolivro, requisito obrigatório para a realização do trabalho de conclusão de curso em Jornalismo. As imagens possuem finalidade acadêmica e jornalística. Portanto, o uso de sua imagem e voz ficam, através deste instrumento, autorizados para uso irrestrito no FOTOLIVRO, independente de como virá a ser, eventualmente, editado e, posteriormente, veiculado. O PESQUISADOR se responsabiliza e não fazer uso do FOTOLIVRO para fins que estigmatizem os participantes da pesquisa; garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (Item II.2.1, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, Incisos V, X e XXVIII).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos estão restritos ao uso de imagem e voz a serem utilizados no FOTOLIVRO. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento e olhar sobre o universo do trabalho no Centro de Porto Alegre e como ele se manifesta, hoje, visualmente em suas particularidades. O trabalho prático possui grande relevância para o campo da Comunicação, trazendo à tona o debate sobre a configuração do labor na sociedade contemporânea.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. Também estão assegurados ao(a) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao(a) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

O(a) Sr(a), pode entrar em contato com o pesquisador responsável **EMILIANO FISCHER CUNHA** a qualquer tempo para informação adicional através do endereço eletrônico emiliano.cunha@uniritter.edu.br.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas vias, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a), ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

RAUNO KAYE DA SILVA SANTOS

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, 30/05/2023

BRUNA KAYLA DA SILVA SANTOS
Assinatura do Participante


Assinatura do Pesquisador Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **FOTOGRAFIA E LABOR: O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?**, cujo pesquisador responsável é **EMILIANO FISCHER CUNHA (PESQUISADOR)**, CPF 98997246020. O objetivo principal do projeto é, através da realização de um fotolivre mostrar, por meio de fotografias, como se configura, atualmente, a diversidade do trabalho no Centro de Porto Alegre. O(A) Sr(a) está sendo convidado porque se enquadra no perfil selecionado para esta pesquisa.

O(A) Sr(a). tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder o uso de sua imagem para uso no fotolivre, requisito obrigatório para a realização do trabalho de conclusão prático em Jornalismo. As imagens possuem finalidade acadêmica e jornalística. Portanto, o uso de sua imagem e voz ficam, através deste instrumento, autorizados para uso irrestrito no FOTOLIVRO, independente de como virá a ser, eventualmente, editada e, posteriormente, veiculada. O PESQUISADOR se responsabiliza a não fazer uso da FOTOLIVRO para fins que estigmatizem os participantes da pesquisa; garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (item II.2.1, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, incisos V, X e XXVIII).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos estão restritos ao uso de imagem e voz a serem utilizados no FOTOLIVRO. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento e olhar sobre o universo do trabalho no Centro de Porto Alegre e como ele se manifesta, hoje, visualmente em suas particularidades. O trabalho prático possui grande relevância para o campo da Comunicação, trazendo à tona o debate sobre a configuração do labor na sociedade contemporânea.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. Também estão assegurados ao(a) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao(a) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável **EMILIANO FISCHER CUNHA** a qualquer tempo para informação adicional através do endereço eletrônico emiliano.cunha@uniritter.edu.br.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, 30/05/2023

Luciano dos Santos Votto

Assinatura do Participante



Assinatura do Pesquisador Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **FOTOGRAFIA E LABOR: O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?**, cujo pesquisador responsável é **EMILIANO FISCHER CUNHA (PESQUISADOR)**, CPF **98997246020**. O objetivo principal do projeto é, através da realização de um fotolivre mostrar, por meio de fotografias, como se configura, atualmente, a diversidade do trabalho no Centro de Porto Alegre. O(A) Sr(a) está sendo convidado porque se enquadra no perfil selecionado para esta pesquisa.

O(A) Sr(a). tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder o uso de sua imagem para uso no fotolivre, requisito obrigatório para a realização do trabalho de conclusão prático em Jornalismo. As imagens possuem finalidade acadêmica e jornalística. Portanto, o uso de sua imagem e voz ficam, através deste instrumento, autorizados para uso irrestrito no FOTOLIVRO, independente de como virá a ser, eventualmente, editada e, posteriormente, veiculada. O PESQUISADOR se responsabiliza a não fazer uso da FOTOLIVRO para fins que estigmatizem os participantes da pesquisa; garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (item II.2.i, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, incisos V, X e XXVIII).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos estão restritos ao uso de imagem e voz a serem utilizados no FOTOLIVRO. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento e olhar sobre o universo do trabalho no Centro de Porto Alegre e como ele se manifesta, hoje, visualmente em suas particularidades. O trabalho prático possui grande relevância para o campo da Comunicação, trazendo à tona o debate sobre a configuração do labor na sociedade contemporânea.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao(à) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável **EMILIANO FISCHER CUNHA** a qualquer tempo para informação adicional através do endereço eletrônico emiliano.cunha@uniritter.edu.br.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO
Li e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, 30/05/2023



Assinatura do Participante



Assinatura do Pesquisador Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **FOTOGRAFIA E LABOR: O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?**, cujo pesquisador responsável é **EMILIANO FISCHER CUNHA (PESQUISADOR)**, CPF **98997246020**. O objetivo principal do projeto é, através da realização de um fotolivre mostrar, por meio de fotografias, como se configura, atualmente, a diversidade do trabalho no Centro de Porto Alegre. O(A) Sr(a) está sendo convidado porque se enquadra no perfil selecionado para esta pesquisa.

O(A) Sr(a). tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder o uso de sua imagem para uso no fotolivre, requisito obrigatório para a realização do trabalho de conclusão prático em Jornalismo. As imagens possuem finalidade acadêmica e jornalística. Portanto, o uso de sua imagem e voz ficam, através deste instrumento, autorizados para uso irrestrito no FOTOLIVRO, independente de como virá a ser, eventualmente, editada e, posteriormente, veiculada. O PESQUISADOR se responsabiliza a não fazer uso da FOTOLIVRO para fins que estigmatizem os participantes da pesquisa; garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (item II.2.i, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, incisos V, X e XXVIII).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos estão restritos ao uso de imagem e voz a serem utilizados no FOTOLIVRO. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento e olhar sobre o universo do trabalho no Centro de Porto Alegre e como ele se manifesta, hoje, visualmente em suas particularidades. O trabalho prático possui grande relevância para o campo da Comunicação, trazendo à tona o debate sobre a configuração do labor na sociedade contemporânea.

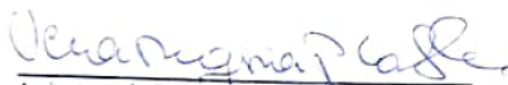
Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. Também estão assegurados ao(a) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao(a) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável **EMILIANO FISCHER CUNHA** a qualquer tempo para informação adicional através do endereço eletrônico emiliano.cunha@uniritter.edu.br.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO
Li e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, 30/05/2023


Assinatura do Participante


Assinatura do Pesquisador Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **FOTOGRAFIA E LABOR: O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?**, cujo pesquisador responsável é **EMILIANO FISCHER CUNHA (PESQUISADOR)**, CPF **98997246020**. O objetivo principal do projeto é, através da realização de um fotolivro mostrar, por meio de fotografias, como se configura, atualmente, a diversidade do trabalho no Centro de Porto Alegre. O(A) Sr(a) está sendo convidado porque se enquadra no perfil selecionado para esta pesquisa.

O(A) Sr(a), tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder o uso de sua imagem para uso no fotolivro, requisito obrigatório para a realização do trabalho de conclusão prático em Jornalismo. As imagens possuem finalidade acadêmica e jornalística. Portanto, o uso de sua imagem e voz ficam, através deste instrumento, autorizados para uso irrestrito no FOTOLIVRO, independente de como virá a ser, eventualmente, editada e, posteriormente, veiculada. O PESQUISADOR se responsabiliza a não fazer uso da FOTOLIVRO para fins que estigmatizem os participantes da pesquisa; garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (item II.2.i, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, incisos V, X e XXVIII).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos estão restritos ao uso de imagem e voz a serem utilizados no FOTOLIVRO. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento e olhar sobre o universo do trabalho no Centro de Porto Alegre e como ele se manifesta, hoje, visualmente em suas particularidades. O trabalho prático possui grande relevância para o campo da Comunicação, trazendo à tona o debate sobre a configuração do labor na sociedade contemporânea.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. Também estão assegurados ao(a) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao(a) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

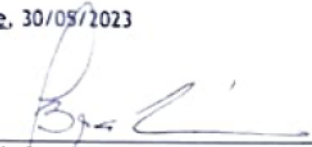
O(A) Sr(a), pode entrar em contato com o pesquisador responsável **EMILIANO FISCHER CUNHA** a qualquer tempo para informação adicional através do endereço eletrônico emiliano.cunha@uniritter.edu.br.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a), ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, 30/05/2023



Assinatura do Participante



Assinatura do Pesquisador Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **FOTOLIVRO E LABOR: O que é o trabalho no centro de Porto Alegre?**, cujo pesquisador responsável é **EMILIANO FISCHER CUNHA (PESQUISADOR)**, CPF **98997246020**. O objetivo principal do projeto é, através da realização de um fotolivro, mostrar, por meio de fotografias, como se configura, atualmente, a diversidade do trabalho no Centro de Porto Alegre. O(A) Sr(a) está sendo convidado porque se enquadra no perfil selecionado para esta pesquisa.

O(A) Sr(a), tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder o uso de sua imagem para uso no fotolivro, requisito obrigatório para a realização do trabalho de conclusão prático em Jornalismo. As imagens possuem finalidade acadêmica e jornalística. Portanto, o uso de sua imagem e voz ficam, através deste instrumento, autorizados para uso irrestrito no FOTOLIVRO, independente de como virá a ser, eventualmente, editada e, posteriormente, veiculada. O PESQUISADOR se responsabiliza a não fazer uso da FOTOLIVRO para fins que estigmatizem os participantes da pesquisa; garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (Item II.2.1, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, Incisos V, X e XXVIII).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos estão restritos ao uso de imagem e voz a serem utilizados no FOTOLIVRO. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento e olhar sobre o universo do trabalho no Centro de Porto Alegre e como ele se manifesta, hoje, visualmente em suas particularidades. O trabalho prático possui grande relevância para o campo da Comunicação, trazendo à tona o debate sobre a configuração do labor na sociedade contemporânea.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. Também estão assegurados ao(a) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao(a) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

O(A) Sr(a), pode entrar em contato com o pesquisador responsável **EMILIANO FISCHER CUNHA** a qualquer tempo para informação adicional através do endereço eletrônico **emiliano.cunha@uniritter.edu.br**.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a), ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.



CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, 30/05/2023


Assinatura do Participante


Assinatura do Pesquisador Responsável



FOTOGRAFIA E LABOR:

O que é o trabalho no
centro de Porto Alegre?

FREDO TARASUK

FOTOGRAFIA E LABOR:

O que é o trabalho no
centro de Porto Alegre?

Fredo Tarasuk

2023

Fotografam-se coisas para expulsá-las do espírito.
Franz Kafka

Fotografia e trabalho não formam uma união nova. Desde a invenção da fotografia, profissionais das câmeras registram cenas de trabalho e de trabalhadores. Dulcilia Buitoni diz que “a fotografia nasceu como registro e logo ampliou sua área de influência, começando a ilustrar cenas e acontecimentos do mundo.”

A meu ver, a ideia de fotografar trabalhadores nasce do questionamento de tentar entender as relações entre o trabalho e as pessoas - os trabalhadores -, buscando refletir sobre como lidamos com o labor e a sua importância na vida cotidiana.

5
ES
ES
CRUZ
TROS
ntos
ntos
594







“Já formei dois filhos engraxando sapatos.”

Dona Vera Regina da Silva Weber, 61, é conhecida como a “Velha Engraxate da praça da Alfândega” e trabalha há 17 anos no local. A permissão da primeira cadeira da praça foi herdada do pai, que trabalhou como engraxate por 54 anos e que ensinou a profissão para a filha.









“Eu era bem novinha
quando eu vim [expor
na rua].”

Artesã há 32 anos, Angela Maria Rosa Paz, 59, expõe
e vende na Praça da Alfândega os sapatinhos de lã que
confecciona em sua casa, em Canoas.





“Gosto muito por causa do cheirinho bom.”

De trabalho novo há menos de um mês, Ananda Sabino da Silveira, 19, conta porque se apaixonou por café.





“Vou mandar imprimir bem grande, pra por em cima da cama da minha esposa.”

Feliz com seu retrato, Adama Ndiaye, 32, conta que veio de Senegal para buscar o sustento da família que deixou no país africano. Atualmente é ambulante na rua Coronel Fernando Machado.





TEL LANCASTER



“Eu fiz questão de ficar
[no táxi] pra diminuir
o machismo no nosso
meio.”

Janete Brahim, 73, assumiu o volante do irmão há 8 anos, quando ele precisou realizar uma cirurgia no coração. Com uma clientela cativa, hoje ela faz parte de um grupo de taxistas mulheres, as Luluzinhas do Táxi, que busca dar mais segurança para as clientes que precisam do serviço.



Salão
FÍGARO

Bem-vindo!

Mais de
70
anos de
tradição



“Aprendi a profissão
pelas mãos do meu
pai.”

Luciano dos Santos Velho, 50, é barbeiro e cabelereiro
em um tradicional salão da Rua General Câmara.







“Comecei aos 10 anos,
ajudando meu pai
que tinha as bancas.”

Boxeador nas horas vagas, Bruno Kauã da Silva Santos, 18, estreou no ringue do trabalho para ajudar nas três bancas de frutas que a família possui espalhadas pelo centro da cidade.





“Escolhi ficar em Porto Alegre por conta do clima, que eu gosto muito.”

Após viajar por diversas capitais, José Francisco da Silva Filho, 58, apresenta o número do saltador das facas há pelo menos duas décadas no centro da Capital.









Mar Azul

A PESCAR

File
TILAPIA

File
VIOLINHA

File
TRAIRA

File
PESCADA

File
ABRÓTEA

File
MERLUZA

File
TAINHA

CAMARÃO

SALMAO

LINGUA



FILES: MERLUZA ABRÓTEA ANJO PESCADOR TAINHA TRAIRA COLVINA PAMPO BAGRE PINTADO PAPA-TERRA

OFERTA
ANTO
SALMAO



Este livro buscou dar conta, dentro do período entre 2022 e 2023, de um olhar muito subjetivo - como toda produção fotográfica sempre é - do trabalho no centro de Porto Alegre, capturando como a vida desses sujeitos e seus ofícios acontecem lá. Entender e desvelar, através de registros fotográficos, como e por que nós, humanos, nos colocamos em certas condições de trabalho atualmente, ou ainda como naturalizamos o olhar diante do desumano. Esta é uma inquietação que me instiga a pensar desde muito jovem. E tudo que espero é que ela siga me inquietando.

